
O laço político com o religioso entrelaçado pelo bolsonarismo: Análise Crítica do Discurso de Michelle Bolsonaro e a Teologia do Domínio¹

Karla Regina Macena Pereira PATRIOTA²
Henrique Jônatas de Souza SANTOS³
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender a construção discursiva da Michelle Bolsonaro, esposa do ex-presidente Jair Bolsonaro à luz da Análise Crítica do Discurso. A escolha do corpus se deu em torno de dois discursos em situações distintas para correlacionar os desdobramentos da Teologia do Domínio - TD nas pautas da Direita brasileira. Os resultados evidenciam como o discurso cristão pode, em diálogo com a TD, ser instrumentalizado para moldar e tornar visível determinada perspectiva política, consolidando uma visão profundamente polarizada do mundo. Desse modo, surge uma rígida dicotomia, onde o "lado de Deus" é invariavelmente associado ao bem, em contraste com o "lado do adversário", visivelmente identificado com o mal.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia do domínio, Análise Crítica do discurso, bolsonarismo, Michelle Bolsonaro.

Introdução

Nos últimos anos, a política tem se tornado um espaço de visibilidade para as transformações religiosas brasileiras contemporâneas. Portanto, não nos parece leviano pontuar que a Igreja como instituição, nas suas mais diversas filiações, e pautada pelo pensamento teológico que determina não apenas suas dinâmicas de funcionamento estrutural interno, mas igualmente as suas formas de relacionamento com a sociedade, promoveu um emblemático acordo com “o presidente mais próximo dos evangélicos que o Brasil já teve”, como expôs o jornal El País (10.07.2019): um governante que, repetidamente, reiterava que “embora o Estado brasileiro seja laico, nós somos cristãos” (GORTAZÁR, 2019).

Por conseguinte, a cristandade, como apregoada por Jair Bolsonaro, forneceu a liga que entrelaça ainda mais Igreja e Política – fortalecendo a mudança histórica em curso, de um grupo que antes rejeitava o envolvimento com a Política, defendendo que

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM - UFPE), email: karla.patriota@ufpe.br.

³ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM - UFPE), email: henrique.jonatas@ufpe.br.

“crente não se mete em política” para a perspectiva, cada vez mais efetiva, de que “irmão vota em irmão” (FRESTON, 1993; ORO, 2008 apud AMORIM, 2017, p.58).

Com efeito, a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 resultou de uma convergência de fatores econômicos, sociais e políticos, combinados com o uso estratégico das mídias digitais, em especial das redes sociais, com retóricas populistas e conservadoras. Não por acaso, a crescente influência da religião na política brasileira, após período de relativo silêncio imposto pelo secularismo, adicionou uma espessa camada ao já complexo cenário eleitoral daquele período culminando no resultado que assistimos hoje, como bem postulou Pereira:

Aparentemente, a eleição de Bolsonaro foi o resultado imprevisto de um longo processo de criminalização da política, de crise econômica e exploração do medo do humanismo (principalmente as pautas dos direitos humanos) e do comunismo. É também a culminância de uma tensão política deflagrada a partir de 2010, na transição de Lula para Dilma. A religião, que parecia banida da política, rompeu o silêncio que lhe foi imposto pelo secularismo e assumiu posição central no cenário político brasileiro (PEREIRA, 2023, p. 149).

Os posicionamentos sócio-políticos promovidos por inúmeras Igrejas brasileiras das mais variadas vertentes, unidas em cooperação mútua para o objetivo comum de eleger um presidente cristão, acionaram algumas doutrinas cristãs clássicas para a defesa da vida em sociedade e legitimação discursiva para a escolha do gestor máximo da nação. Evidenciou-se assim que a religião/instituição não perdera totalmente a sua capacidade de prover sentido, pelo menos entre os que professam o cristianismo no nosso país. Mesmo que não mais exista uma hegemonia definidora no campo da cultura, do Estado, do Direito, enfim, das instâncias reguladoras do cotidiano (PORTELLA, 2006), a instituição Igreja reforça (porque sempre esteve presente), agora de forma expressiva, sua outrora ofuscada capacidade de ainda poder fornecer respostas no debate de temas candentes como a política, provendo diretrizes para a atuação e escolhas entre as pessoas.

Esse entrelaçamento entre religião e política ganhou expressivo espaço na sociedade em rede e nas mídias digitais e sociais no Brasil, recebendo força e robustez também pela emergência do que se nomeou de ‘Teologia do Domínio’, uma espécie de “projeto de poder evangélico” (PEREIRA, 2023, p.151), que tem nutrido discursos político-religiosos e moldado processos eleitorais e estratégias de governos conservadores, à medida em que se torna o baluarte ideológico para aqueles que vislumbram uma sociedade regida pelos valores e moralidades contidos nas Escrituras Sagradas.

Trata-se, como esclarece Cunha (2021), de uma Teologia que ancora a busca pela “reconstrução da teocracia na sociedade contemporânea, no cumprimento da predestinação dos cristãos ocuparem postos de comando no mundo (presidências, ministérios, parlamentos, lideranças de estados, províncias, municípios, supremas cortes) para incidirem na vida pública – o domínio religioso cristão” (CUNHA, 2021, p.8).

Um exemplo a ser destacado ocorreu quando Jair Bolsonaro, então presidente da República, anunciou a indicação de um ministro "terrivelmente evangélico" para a Suprema Corte (STF). O escolhido foi o pastor presbiteriano André Mendonça que, enquanto ocupava o cargo de Ministro da Justiça, ordenou que a Polícia Federal investigasse críticos do presidente com base na Lei de Segurança Nacional. A ele Bolsonaro pediu “(...) que, uma vez por semana, ele comece a sessão [no Supremo] com uma oração. Isso já está fechado” (ALESSI, 2021).

Estes e outros tipos de influência podem ser vistos hoje na contínua ascensão de lideranças políticas que evocam princípios cristãos como alicerce de suas plataformas, promovendo certa sinergia entre fé e política para redefinir o panorama sociopolítico. No atual cenário, encontramos um campo midiático repleto de discursos político-religiosos que servem tanto de estudo quanto de reflexão, evidenciando a intrincada interseção entre religião e política na contemporaneidade.

Novos contextos, uma nova representante.

Desde as eleições de 2018, o bloco político, autodefinido como a Direita Brasileira⁴ demonstrou, de forma cada vez mais evidente, uma profunda coesão com a perspectiva cristã evangélica de governança.

Antes desse período, como observou Casarões (2022), Jair Bolsonaro era apenas um deputado federal, categorizado como do “baixo clero”⁵ e cuja trajetória se destacava por declarações polêmicas e pela apologia à ditadura militar. No entanto, em um movimento estratégico, substancialmente reforçado por seu casamento com Michelle

⁴ O grupo identificado, na mídia em geral, como a Direita no Brasil, particularmente nas últimas décadas, é aquele que se mostra alinhado com a defesa da liberdade econômica, do conservadorismo social e da resistência a mudanças que poderiam ameaçar as hierarquias estabelecidas. Grosso modo, tal alinhamento pode ser observado, por exemplo, na promoção de políticas neoliberais que priorizam a desregulamentação do mercado e a austeridade fiscal, seguindo o que Bobbio (1995) identificaria como a tendência da Direita de aceitar as desigualdades como parte da ordem natural das coisas.

⁵ A designação “baixo clero” serve para designar os parlamentares cuja atuação é mais periférica, reforçando a ideia de que nem todos os membros do Legislativo possuem o mesmo peso político ou capacidade de moldar os rumos do país.

Bolsonaro⁶, ele passa a incorporar pautas cristãs no discurso, o que lhe permitiu estreitar laços com proeminentes políticos evangélicos, como os pastores Silas Malafaia, Marco Feliciano e Magno Malta, culminando na criação de uma "frente híbrida pan-cristã" e fazendo-o conquistar o apoio de expressiva parcela de eleitores evangélicos (CASARÕES, 2022, p.25).

A materialidade dessa aliança foi vista a exaustão em toda a campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018, seja nas igrejas ou fora delas, sendo coroada no discurso de posse em 1ª de janeiro de 2019:

“(...) Respeitando os princípios do Estado Democrático, guiados pela nossa Constituição e **com Deus no coração**, a partir de hoje vamos colocar em prática **o projeto que a maioria do povo brasileiro democraticamente escolheu**. (...) Podem contar com toda a minha dedicação para construir o Brasil dos nossos sonhos. **Agradeço a Deus por estar vivo e a vocês que oraram por mim** e por minha saúde nos momentos mais difíceis. **Peço ao bom Deus que nos dê sabedoria para conduzir a nação. Que Deus abençoe esta grande nação. Brasil acima de tudo. Deus acima de todos**” (grifos nossos) (BOLSONARO, 2019)⁷.

Invocando a bênção de Deus para a condução do Brasil, Bolsonaro exemplifica uma das características mais marcantes das associações que são feitas à Direita contemporânea, que é a vinculação, cada vez mais evidente, entre política e religião. Afirmado que governará "com Deus no coração" e pedindo "sabedoria ao bom Deus para conduzir a nação", o presidente recém-eleito sintetiza a fusão entre o nacionalismo exacerbado e a devoção religiosa, atributos que ajudam a sedimentar a usual retórica dessa Direita⁸ e que foram fundamentais para a construção da sua base de apoio.

No entanto, após a derrota nas eleições de 2022, tornou-se imperativa a reorganização junto à base política de vertente cristã preservando, e até ampliando, o projeto político-religioso que lhe conferiu significativa representatividade entre os evangélicos. Soma-se a isso o evento da inelegibilidade, por 8 anos, de Jair Bolsonaro, no processo jurídico que acatou as denúncias de abuso de poder político e uso indevido

⁶ Falaremos mais detalhadamente de Michelle Bolsonaro nas seções seguintes do artigo.

⁷ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia de Recebimento da Faixa Presidencial – Brasília, 1º de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/presidente-da-republica/presidente-da-republica-federativa-do-brasil-discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-recebimento-da-faixa-presidencial-brasilia-1-de-janeiro-de-2019>. Acesso em 28 Jun. 2024.

⁸ Para ampliar esse argumento, podemos usar a concepção de Direita de Laponce (1981), como uma força de ordenação vertical, associada à hierarquia, ao autoritarismo e à religião, além de defensora da continuidade que se alinha ao divino e ao imutável, enquanto a esquerda seria caracterizada pela ordenação horizontal, ao promover a igualdade, a secularização e, em muitos casos, o ateísmo.

dos meios de comunicação (pelo impulsionamento de notícias falsas) durante a campanha de 2022.

Tudo isso contribuiu para que o nome, que outrora abriu as primeiras portas para Jair Bolsonaro no segmento eleitoral evangélico, começasse a ascender em notoriedade e carisma, especialmente entre os grupos associados aos espaços religiosos. Nos referimos à Michelle de Paula Firmo Reinaldo Bolsonaro, a ex-primeira-dama e atual presidente da vertente "Mulher" do Partido Liberal⁹ (PL Mulher).

Cristã pentecostal, jovem (42 anos) e articulada, Michelle protagonizou a frente evangélica da campanha de 2022 e manteve seu alinhamento após o segundo turno. Cogitada em pesquisas e nos bastidores políticos como potencial representante do bolsonarismo na corrida presidencial de 2026, Michelle nega que tal aspiração figure em seus planos afirmando, de forma recorrente, que Jair Bolsonaro, (mesmo atualmente inelegível), será o candidato, por isso ela apenas se une "ao coro popular para pedir: 'Volta, Bolsonaro!' (MICHELE..., CARTACAPITAL, 2024).

Contudo, em recente pesquisa da Quaest, com pessoas declaradas como eleitores da Direita e divulgada pela CartaCapital em 15 de maio de 2024, vemos a potência de Michelle Bolsonaro na corrida presidencial de 2026, quando comparada ao nome de Tarcísio de Freitas (atual governador de São Paulo)¹⁰. Michele contava com 28% das preferências entre os “eleitores bolsonaristas”, superando Tarcísio com 24%. E mais: o apoio e preferência por Michelle foi manifesto uniformemente em diversas regiões do país, sinalizando efetiva capacidade de mobilização e influência na base conservadora (MICHELLE X TARCÍSIO..., CARTACAPITAL, 2024). Tais resultados parecem sugerir que, em um confronto direto com Lula, Michelle Bolsonaro emergiria como adversária de considerável relevância, impulsionada tanto por sua crescente popularidade quanto pela íntima conexão que mantém com o eleitorado evangélico e bolsonarista.

A personificação do projeto político-religioso bolsonarista a partir de uma análise crítica.

⁹ O PL declara em sua página oficial que está “convocando homens, mulheres e jovens para a realização do sonho de um Brasil com estruturas políticas voltadas para o serviço a pátria e para a formação de uma sociedade justa e cristã”.

¹⁰ A pergunta feita foi: Na pergunta “quem seria melhor para enfrentar Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2026 se Bolsonaro não puder concorrer?”

Mesmo negando eventuais pretensões políticas presidenciais, os discursos de Michelle Bolsonaro revestem-se de singular relevância, principalmente na medida em que ela parece se destacar como a personificação de um projeto político intrinsecamente vinculado ao que já demarcamos aqui como uma “Teologia do Domínio”. Isso porque, no entrelaçamento discursivo de preceitos religiosos e anseios de poder político, vemos corporificada em Michelle uma das mais importantes vozes que ecoam as sutilezas das ambições bolsonaristas.

Para desvelar as camadas discursivas que sustentam e propagam isso, acreditamos que a Análise Crítica do Discurso - ACD, conforme delineada por Fairclough (2021), se apresenta como a metodologia analítica mais adequada, já que nos permite analisar e compreender os modos pelos quais o poder e a ideologia são articulados e naturalizados nesse cenário de disputas e narrativas políticas confrontadoras, revelando como as práticas discursivas sustentam suas estruturas.

Fairclough (2001) propõe um modelo de análise que decodifica os discursos para refletir a influência das relações de poder e das estruturas sociais. Em outras palavras, integra aspectos linguísticos com contextos socioculturais para examinar a construção do significado nos textos. Assim, em um primeiro momento é preciso fazer a “Análise do Texto”, com o exame dos aspectos formais dele, como escolha de palavras, estrutura gramatical, gênero e estilo empregados, entre outros elementos linguísticos. O foco é entender como a linguagem é usada para construir e transmitir significados.

No segundo momento, segue-se a “Análise do Discurso” (FAIRCLOUGH, 2001) – para compreender como esse discurso representa e reproduz ideologias e práticas sociais. Grosso modo, como é possível refletir e reforçar certas visões de mundo ou ideologias a partir de representações e identidades culturais. A partir de então, podemos analiticamente inferir como diferentes grupos sociais, identidades e relações de poder são representados no discurso ou como certos grupos são marginalizados ou privilegiados, por exemplo.

Por último, Fairclough (2001) postula uma “Análise do Contexto Social” para estabelecer conexões entre os textos (escrito ou falados) e as práticas sociais amplas, a partir da abordagem do contexto social e histórico, que influencia a produção e a recepção do discurso. Sobressalta nessa fase também o reconhecimento de estruturas de poder e ideologias, até porque o discurso contribui para a manutenção ou transformação delas em sua eficácia e dominação.

Embora a proposta analítica da ADC seja desmembrada em distintas etapas, a sua aplicabilidade se manifesta de maneira transversal, permeando simultaneamente todas elas. Dessa forma, por meio da Análise Crítica do Discurso é possível transcender a mera interpretação textual, abrangendo as condições sociais e históricas que moldam a produção e a recepção do discurso. Assim, o foco se desloca para a revelação de como o discurso se configura como forma de comunicação e instrumento através do qual o poder e a ideologia são exercidos e negociados (FAIRCLOUGH, 2001).

Isto posto e considerando complexidade do fenômeno aqui descrito, além das restrições impostas pelo limitado espaço deste artigo, a escolha pelos discursos de Michelle Bolsonaro como objeto de investigação não foi arbitrária, nem por conveniência. Pelo contrário, se alicerça na expressiva relevância que Michelle ocupa no atual cenário político e social, particularmente no que concerne ao discurso da Direita. A análise de suas falas pode, inclusive, nos oferecer uma lente privilegiada para desvelar algumas das estratégias retóricas e construções ideológicas que moldam e/ou legitimam os discursos direcionados aos segmentos cristãos em geral, com ênfase nos evangélicos. Nesse contexto, emergem as influências da Teologia do Domínio permeando tais discursos e promovendo a cosmovisão que associa fé religiosa ao exercício do poder e à consolidação de uma agenda política conservadora e teocrática para a governança do país.

Como corpus analítico deste artigo, selecionamos dois discursos emblemáticos proferidos espontaneamente por Michelle. O primeiro ocorreu às vésperas do segundo turno de 2022, durante o culto de aniversário da pastora Elizete Malafaia, esposa do pastor Silas Malafaia, presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo - ADVEC. O segundo foi pronunciado em um ato convocado pelo ex-presidente no dia 25 de fevereiro de 2024, sob a alegação de que precisava se defender de acusações infundadas, na Avenida Paulista, diante de uma multidão trajada com as cores da bandeira nacional.

A batalha cósmica entre o bem e o mal: discussões e análise.

Para pavimentar o caminho que percorreremos na análise dos dois discursos em pauta, é importante esclarecer que ambos revelam uma construção discursiva e política profundamente enraizada em elementos religiosos que parecem responder aos anseios de submeter o mundo ao controle teocrático em todas as esferas da sociedade. Mesmo que as duas falas ocorram em circunstâncias e momentos específicos.

Portanto, entender as potencialidades acionadas nesses discursos é compreender as relações que o bolsonarismo construiu com a religião em busca da adesão maciça dos religiosos dentro de dado decurso e recorte de tempo.

Em 2022, no culto dentro da ADVEC, Michelle critica duramente os governos anteriores, destacando sua ineficácia em concluir obras e resolver problemas essenciais, como o abastecimento de água no Nordeste. Ela exalta o agronegócio (segmento muito ligado à Direita), contrapondo-o às acusações de fascismo e direitismo, ao mesmo tempo que o apresenta como o setor que alimenta a população e o mundo. Essa retórica não somente defende os interesses do agronegócio, mas ainda utiliza a dicotomia moral para classificar o agro como “o lado do bem” contra o adversário “maligno”.

Nós cremos numa nação curada. Nós cremos numa nação liberta. Porque o outro lado passou 16 anos no poder e nada fez. Não conseguiu concluir nem as obras. Não conseguiu nem levar água para o Nordeste e hoje está prometendo picanha. E acusa o agro. Fala que o agro é facista e direitista. É o agro que coloca o alimento nas nossas mesas. É o agro que alimenta o mundo (MICHELLE BOLSONARO, 2022).

Esse primeiro discurso se dá em um espaço de fé pentecostal, mais precisamente no altar do principal templo da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, localizado na Penha, Rio de Janeiro. Na ocasião, celebrava-se o aniversário da pastora Elizete Malafaia - esposa do pastor presidente da instituição. Entretanto, o evento girou em torno da presença da então primeira-dama e ganhou entonação política em cada detalhe e oportunidade. O culto, na íntegra, foi repleto de celebridades do meio gospel, como as cantoras Eyshila, Jozyanne, Midian Lima que, durante suas participações, proferiram palavras proféticas dirigidas tanto à nação brasileira quanto à própria gestão de Bolsonaro.

A cerimônia, realizada a poucos dias do segundo turno das eleições, contou com a presença maciça de fiéis vestidos em verde e amarelo para reforçar a confluência entre religião e política e transformar o ato congregacional numa clara demonstração de apoio político. Depois de manifestações de fé e profecias dirigidas à esposa do presidente da República, o microfone foi entregue a Michelle, logo após uma intercessão conduzida pela aniversariante, que convocou toda a igreja presente. Embora fosse seu aniversário, a pastora Elizete Malafaia pareceu apenas construir a oportunidade para trazer a primeira-dama ao foco da comunidade religiosa.

É um momento muito especial retornar a ADVEC. Eu fui batizada no antigo templo. O último batismo que o pastor José Santos fez. Eu fui batizada por ele. Foi uma bênção ser

do ministério da ADVEC, ser uma *canelinha de fogo*¹¹ (risos). Depois Deus me levou para a Batista e a gente fala que é a *Batisbleia*¹², né? (risos). A gente não perde a essência. Mas Deus é muito bom e abaixo dos céus há um tempo para tudo na nossa vida. O Senhor sabe de todas as coisas. Mas, dizer que foram momentos lindos, momentos bons - 9 anos ali servindo. Servindo ali no Café da ADVEC, servindo na sala dos pastores, na sala VIP... E foi o momento onde o Senhor me forjou. O momento onde eu fui, realmente, forjada pelo Senhor para estar onde estou hoje. E foi através desse ministério que eu aprendi a amar vidas. Foi através desse ministério que eu aprendi a trabalhar, a me doar, a fazer trabalhos voluntários, a ir no lixão de Gramacho. E hoje poder ser a presidente do Conselho do Programa Pátria Voluntária, que já ajudou mais de 3 milhões de pessoas pelo Brasil. E eu tenho muito orgulho, pastora. Muito orgulho de saber de onde eu vim e ser obediente ao Senhor (MICHELE BOLSONARO, 2022).

Em um dos altares pentecostais mais relevantes do país, Michelle abre seu discurso evidenciando a familiaridade que possui com o espaço religioso, lembrando episódios de sua jornada como membro da ADVEC antes de mudar-se para a denominação batista. O discurso potencialmente gera empatia e reconhecimento no auditório que percebe na primeira-dama vivências religiosas comuns da dinâmica da igreja. Ao honrar o ministério e seus pastores, estabelece o elo de poder e visibilidade que atende aos anseios da massiva onda religiosa-política de representação (SANTOS, 2024). Enquanto a igreja apoia a bandeira de sua campanha, o projeto político devolve o favor conferindo poder e aberturas às causas evangélicas nas discussões da governança nacional, além do *status* de ser a “escola da primeira-dama”.

A partir de então, Michelle remonta a própria trajetória e se revela como uma mulher tão religiosa quanto política: a imagem pública de uma mulher atuante pelas causas de pessoas com deficiências e doenças raras. Há um tom político bem demarcado neste altar religioso, nele ergue-se o espaço da voz e da explanação ideológica convocando a perpetuação do poder como a alternativa mais promissora e segura aos cristãos.

¹¹ *Canelinha de fogo* é uma expressão popular no meio pentecostal brasileiro que se refere a uma pessoa que, apesar de parecer modesta ou pouco influente (aludindo ao "canelinha", um termo coloquial para alguém de pouca importância), possui uma fé fervorosa e um espírito de oração intenso, caracterizando-se por uma grande dedicação e energia nas práticas espirituais. A expressão pode ser usada de forma carinhosa ou humorística para descrever alguém que, mesmo sem destaque aparente, demonstra grande fervor e devoção religiosa. Também pode referir-se ao batismo no Espírito Santo que se manifesta em movimentos corpóreos atrelados ao falar em línguas (marchas, danças, pulos...) reforçando que essa seja uma expressão associada a alguém que também manifesta a presença do Espírito de Deus no corpo.

¹² *Batisbleia* é uma expressão que combina os termos "batista" e "assembleia" para descrever um membro de uma igreja batista que adota traços e comportamentos típicos das igrejas Assembleia de Deus - manifestam práticas, estilos de culto ou comportamentos que são característicos do pentecostalismo. São exemplos: a ênfase em manifestações do Espírito Santo, a experiência do batismo no Espírito Santo e um estilo de culto mais emotivo e exuberante. A expressão reflete a influência mútua e a convivência de diferentes tradições cristãs dentro do ambiente religioso.

Eu tinha orado ao Senhor, quando meu marido sofreu o atentado e que eu vi que era a mão do Senhor, que era o milagre de Deus na nossa vida. Porque foi a mão do Senhor. Um homem que não tinha dinheiro. Não tinha tempo de televisão. Sozinho no congresso. Ser o presidente da nação. Ser eleito para governar uma nação, na época de 210 milhões de pessoas. E um belo dia, eu orei e falei: “Senhor, se o Senhor permitir eu chegar na presidência...” e depois teve um veículo de comunicação que distorceu essa minha fala. Ele falou: “Michelle faz pacto com Deus para estar no poder”. Glória a Deus que eu fiz um pacto com Deus, né? (Risos) Mas não foi assim a oração. Eu falei: “Senhor, se o senhor me der a oportunidade de estar no poder, eu vou usar esse poder para ajudar as pessoas” (MICHELLE, 2022).

As construções discursivas da primeira-dama são pertinentemente adequadas ao espaço religioso e à própria dinâmica cultural do segmento pentecostal. Michelle aponta para o fato mais marcante da campanha presidencial de 2018 (o atentado à facada contra Jair Bolsonaro durante encontro com apoiadores em Juiz de Fora – Minas Gerais) com tracejado do linguajar evangélico de testemunho (SANTOS, 2024). A partir dessa construção, a sobrevivência do então presidenciável se dá pela prontidão divina em garanti-lo no poder e gestão da nação brasileira. A própria trajetória de Bolsonaro como candidato é remontada como um movimento cheio de impedimentos e forças opostas que foram dribladas pela onipotência divina.

Até a expressão do episódio no qual Michelle diz ter sido vítima de distorção por veículos de mídia serve como forma de descrédito para os meios de comunicação. Reforçando a concepção bolsonarista de que a mídia tradicional perseguia e oprimia a Direita por rechaço e tentativa de boicote. Não é por acaso que Michelle polariza a situação ao sugerir, implicitamente, a dicotomia entre o "bem" (representado por ela e seu marido) e o "mal" (representado por aqueles que criticam ou distorcem suas falas). Entretanto, com maestria carismática, a esposa do presidente não apenas ri da situação como consegue arrancar risos do auditório ao confessar: “Glória a Deus que fiz pacto com Deus”¹³ (MICHELLE BOLSONARO, 2022). A confissão convém para, além de reafirmar a fé que abraçou, indicar que qualquer crítica à sua posição é, de certa forma, uma afronta ao divino, criando a divisão moral capaz de mobilizar os fiéis para defender a mulher que usaria o poder para "ajudar as pessoas".

É uma Guerra Espiritual¹⁴ que nós estamos vivendo. E eu, no meio dos meus irmãos, a gente tem passado por tantos lugares. Um público heterogêneo. E a gente tem falado,

¹³ Isso se dá pela popularização de que políticos e artistas de renome nacional e internacional faziam alianças com o próprio Satanás em busca do alcance de realizações, fama, prestígio, poder e dinheiro. Na contramão, Michelle esboça, ironicamente, que o *pacto* realizado foi com a divindade cristã – o que atrai ainda mais a simpatia dos religiosos.

¹⁴ Guerra Espiritual refere-se a uma crença e prática comum em diversas tradições religiosas, especialmente no cristianismo evangélico, que envolve a luta contra forças espirituais consideradas malignas ou demoníacas. Essa "guerra" é vista como uma batalha não física, mas espiritual, que ocorre no âmbito da

alertado as pessoas que são cristãs e que confiam em Deus desse momento que nós estamos passando. Dessa guerra. E não é sobre um político. É sobre uma ideologia do bem contra o mal. É sobre o que Satanás quer fazer com a nossa nação. E nós oramos tanto, meus amados. E infelizmente, muitos cristãos não estão enxergando. Não olhe para o meu marido. Olhe para mim. Olhe para mim que sou uma serva do Senhor que dobra os meus joelhos e tenho entendimento do mundo espiritual. Ele é tão falho como eu e você, porque perfeito só Jesus e Jesus não agradou a todos. E a gente tem orado, pastora Elizete, para que o Senhor tire as escamas dos olhos. Para que a igreja veja o momento que nós estamos vivendo. (MICHELLE BOLSONARO, 2022)

Uma das maiores manifestações que atestam a frente evangélica de Michelle Bolsonaro na campanha do ex-presidente está na expressão: “Olhe para mim”. A despeito da identidade que nem sempre agradava a comunidade evangélica, sobretudo a tradicional pentecostal, Michelle se levanta como sendo a representante do segmento e a ponte de diálogo com essa parcela da população. Podendo, inclusive, ser a aliança mais forte e certa de todo o bolsonarismo.

Ao reconhecer as falhas do marido, mas ao mesmo tempo as relativizar, comparando-as à imperfeição humana (*"tão falho como eu e você"*), torna seus equívocos mais aceitáveis e até justificáveis aos olhos de todos. Assim, qualquer erro de Bolsonaro é justificado como parte da natureza humana, enquanto sua liderança é legitimada como parte de um plano maior, divinamente ordenado.

Adicionalmente, a construção da lógica da Guerra Espiritual é o ponto alto que desmembra a campanha para fazer sobressair dela o fenômeno do sobrenatural. Nessa construção, Michelle insere o campo político e ideológico na batalha cósmica entre o bem e o mal, elevando a disputa a um nível de urgência e seriedade absolutas. As decisões dos eleitores, por conseguinte, deixam de ser meras escolhas políticas e passam a ser ações com repercussões eternas. Soma-se a isso a polarização extrema, estratégia retórica para simplificar a complexidade das questões políticas, agora reduzidas à batalha binária entre o bem (representado por ela, seu marido e seus apoiadores) e o mal (presente nos oponentes políticos e suas ideologias).

Meses depois, após a amarga derrota de Bolsonaro na tentativa de reeleição, milhares de pessoas fizeram protestos em portas de quartéis por todo o país pedindo intervenção federal, por não reconhecerem o resultado das urnas. No ano seguinte, em 8 de janeiro de 2023, o mundo testemunhou uma turba de manifestantes, movidos pelo descontentamento com o início da nova gestão do Presidente Lula, perpetrar em Brasília

mente e da alma, frequentemente envolvendo oração, jejum e outras práticas religiosas para combater o mal e fortalecer a fé. A ideia é que, através da prática espiritual, os crentes possam influenciar e vencer forças que buscam desviar ou enfraquecer a sua conexão com o divino (ORO, 1997).

a invasão coordenada a diversos edifícios públicos de suma importância para a governança nacional. Símbolos da estabilidade institucional e do exercício democrático, os prédios foram violentamente tomados de assalto, em claro ato de insurreição contra a ordem estabelecida – o que refletiu, em grande escala, as tensões latentes e a polarização que permeava o cenário político do país.

Após tais episódios, que resultaram no evidente enfraquecimento das forças de mobilização da Direita, e diante das investigações que culminaram na inelegibilidade de Bolsonaro por 8 anos, o ex-presidente derrotado convocou uma mobilização nacional na Avenida Paulista (SP) buscando reafirmar sua popularidade, atrair a atenção internacional e tentar demonstrar expressiva adesão popular. Nesse dia, cercada por apoiadores políticos, mas também religiosos, Michelle recebe nova oportunidade de discursar. Na ocasião, como uma das figuras mais proeminentes na representação política da Direita brasileira, ela discursa como oposição pela primeira vez.

Desde 2017 nós estamos sofrendo. Nós estamos sofrendo porque exaltamos o nome de Deus no Brasil. Porque meu marido foi escolhido e declarou que era ‘Deus acima de todos’. E se é difícil com Deus, com certeza é impossível sem ele. E quantos ataques, meus amados, quantas injustiças. Mas eu aprendi, naquele leito de hospital, aonde os médicos falaram que era só Deus, eu ajoelhei e falei: ‘Senhor, não cai um fio da nossa cabeça ou a folha de uma árvore sem a sua permissão’. E a partir daquele dia, a minha fé foi renovada. Eu me senti forte. Eu me fortaleci em Cristo para estar ao lado dele [Bolsonaro]. Eu não pedi para estar aqui. Aprouve ao Senhor nos colocar a frente desta nação. Aprouve a Deus nos colocarmos na Presidência da República para que a gente pudesse trabalhar e fazer a verdadeira justiça social na vida daqueles que mais precisam. E hoje o povo brasileiro sabe a diferença de um governo justo de um governo ímpio. Essa semente foi plantada e nós vamos colher. Nossos filhos e netos colherão um Brasil abençoado e próspero, porque a nossa nação é rica, abençoada e só está sendo mal administrada. [...] Por um bom tempo formos negligentes ao ponto de dizer que não poderíamos misturar política com religião. E o mal tomou e o mal ocupou o espaço. Chegou o momento, agora, da libertação. ‘Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará’ foi o versículo que ele [Bolsonaro] usou em toda campanha e eu creio que isso foi gerado no mundo espiritual, porque eu acredito em um Deus vivo. Um Deus todo poderoso que é capaz de restaurar e curar a nossa nação (MICHELLE BOLSONARO, 2024)

Em contraste, desta vez, Michelle faz um discurso profundamente imbuído de religiosidade. Durante a manifestação de essência política, a possível candidata do PL conduz orações, clamores e atos proféticos enquanto defende que a religião deve ocupar lugar central na política nacional: *“Por um bom tempo formos negligentes ao ponto de dizer que não poderíamos misturar política com religião. E o mal tomou e o mal ocupou o espaço”*. Ao enfatizar a crise, que se apresenta mais como um embate espiritual do que como uma questão civil, social ou político-ideológica, Michelle redefine os contornos do

debate público para neutralizar o princípio da laicidade do Estado e convocar os eleitores a enxergarem a participação política como dever religioso.

Não há, portanto, qualquer transformação na postura discursiva ou ruptura na perspectiva adotada em 2022. Pelo contrário, há a acentuação do tom religioso que toma a primazia ainda que, numa manifestação política de oposição. Michelle não faz nenhuma crítica contundente ao Governo Lula, como também não surge nenhuma resposta política aos ataques enfrentados pelos ex-governantes do poder executivo. Sequer há a prometida “defesa” de Bolsonaro. O que aflora é a força mobilizadora da religiosidade dentro do contexto político e a crença que o movimento de fé cristão pode mover os ânimos divinos em prol do enfrentamento aos opositores – como prega a Guerra Espiritual (ORO, 1997).

Não estranhamente, Michelle convoca a multidão de apoiadores para citar o Salmo 24 – canção de tradição judaica e associada majoritariamente ao Rei Davi – com algumas modificações em sua estrutura para ressaltar a vivência específica em que esse discurso está inserido. O texto original trata de uma poesia de louvor e adoração que celebra a soberania de Deus sobre toda a criação e enfatiza a importância da pureza moral para aqueles que desejam estar em Sua presença. Também descreve a entrada triunfante, que pode se referir à presença de Deus chegando em Jerusalém ou ao rei ungido assumindo o papel de liderança com a bênção divina. Em contrapartida, na versão de Michelle recebe a entonação da purificação da nação brasileira pela dominação dos cristãos.

Do Senhor é o Brasil e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam. Porque Ele a fundou sobre os mares e a firmou sobre os rios. Quem subirá ao monte do Senhor? Ou quem estará no seu Santo Lugar? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à vaidade e nem jura enganosamente. Este receberá bênção do Senhor, e a justiça do Deus da sua salvação. Esta, o Brasil, é a geração daqueles que te buscam, que buscam a tua face, ó Deus de Jacó. Levantai, ó portas, as suas cabeças! Levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o rei do Brasil. Quem é este rei da glória? É o senhor forte e poderoso. O senhor poderoso na guerra. Levantai, ó portas, as suas cabeças! Levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o rei da glória. Povo, povo brasileiro. Respondam. Quem é este rei da Glória? É o senhor dos exércitos. Ele é o rei da glória (MICHELLE BOLSONARO, 2024).

Dessa forma, o discurso revela o emaranhado da religião como o instrumento que visibiliza a perspectiva política. Promove-se a noção de que o *lado de Deus* está dicotômica e diametricamente oposto ao lado do adversário. Arrebanhando os religiosos pelo discurso bíblico e favorecendo a visão que promove a Direita contra uma Esquerda demonizada e anticristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No nível textual, os discursos de Michelle Bolsonaro estão repletos de escolhas linguísticas que evidenciam a fusão entre o político e o religioso. Termos como "milagre de Deus", "Senhor", e "Guerra Espiritual" são usados para espiritualizar a trajetória política de Jair Bolsonaro e, por extensão, legitimar sua liderança como ato divino. A linguagem escolhida, como não poderia ser diferente, repercute no público evangélico e reforça a narrativa de que a política não é a mera esfera de gestão civil, mas sim um campo de batalha espiritual.

No nível discursivo, Michelle Bolsonaro incorpora os princípios da Teologia do Domínio quando defende que os cristãos têm a missão divina de governar todas as esferas da sociedade. Em seu primeiro discurso na ADVEC, Michelle remonta sua trajetória e identidade religiosa, conectando-a diretamente à posição política que ocupa naquele momento. Ao fazer isso, reafirma sua fé pessoal para creditar a atual presença no cenário político como o resultado de uma preparação divina, o que a ajuda a promover a crença de que os cristãos estão destinados ocupar posições de poder como a dela.

Portanto, não é sem razão que Michelle transforma questões políticas em "Guerra Espiritual", com o bem e o mal personificados nos atores políticos que estão na cena brasileira (porque o *“povo brasileiro sabe a diferença de um governo justo de um governo ímpio”*). Assim, posicionar Jair Bolsonaro como a corporificação do "bem" e seus opositores como agentes do "mal" ajuda a solidificar a ideia de que a política é extensão da missão divina dos cristãos.

No âmbito de análise do contexto social, vemos revelado como os discursos de Michelle operam para que o laço entre o político e o religioso seja intencionalmente estreitado. O bolsonarismo, ao dialogar com e celebrar a Teologia do Domínio, desafia a laicidade do Estado para que a cristandade evangélica possa ocupar o lugar “destinado por Deus” no poder, com o consequente controle de suas estruturas e marginalizando qualquer oposição como parte de uma agenda "maligna". A política, nessa chave, não é mais vista como campo de debate e pluralidade, mas como a arena onde a vontade de Deus deve prevalecer sobre toda e qualquer voz dissidente.

REFERÊNCIAS

ALESSI, Gil. André Mendonça, o nome “terrivelmente evangélico” para o STF de Bolsonaro. *El País*, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-12/andre-mendonca-o-nome-terrivelmente-evangelico-para-o-stf-de-bolsonaro.html>
Acesso em 28 Jun. 2024.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Unesp, 1995.

CASARÕES, Guilherme. O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema direita no poder. **Journal of Democracy em Português**, Volume 11, Número 2, São Paulo, Novembro de 2022. Disponível em: <https://www.cech.ufscar.br/pt-br/news/imagens/artigo-casaro-es-americanizacao-journal-of-democracy-1.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

CUNHA, Magali. “Pelo Governo de Deus”: A Inserção e novos Movimentos Fundamentalistas Estadunidenses na arena política do Brasil durante o governo Trump. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Campinas, vol. 23, 2021.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília. Editora Universidade de Brasília. 2001.

LAPONCE, Jean. (1981). **Left and Right**: The Topography of Political Perceptions, University of Toronto Press, 1981.

MICHELLE... nega planos de concorrer à Presidência em 2026: ‘Bolsonaro é o nosso candidato’. **CartaCapital**, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/michelle-nega-planos-de-concorrer-a-presidencia-em-2026-bolsonaro-e-o-nosso-candidato/>. Acesso em 28 Jun. 2024.

MICHELLE X TARCÍSIO...: pesquisa indica quem é o favorito para substituir Bolsonaro nas eleições em 2026. **CartaCapital**, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/michelle-x-tarcisio-pesquisa-indica-quem-e-o-favorito-para-substituir-bolsonaro-nas-eleicoes-em-2026/> Acesso em 28 Jun. 2024.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?. **Debates do NER**, 1997.

PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: Uma chave de interpretação da relação evangélico-política do Bolsonarismo. **Projeto História**, São Paulo, v. 76, pp. 147-173, Jan.-Abr., 2023.

SANTOS, Henrique J. S. **Novas de Guerra**: O protagonismo religioso da AD Novas de Paz no cenário político de Pernambuco entre 2013 e 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2024.